

A SEMANA – 228*

11 de outubro de 1896

Tzarina, se estas linhas chegarem às tuas mãos, não faças como Victor Hugo, que, recebendo um folheto de Lisboa, respondeu ao autor: “Não sei português, mas com auxílio do latim e do espanhol, vou lendo o vosso livro...”¹ Não, nem peço que me respondas. Manda traduzi-las na língua de Gógol, que dizem ser tão rica e tão sonora, e em seguida lê. Verás que o beijo que te depositou na mão,² em Cherburgo, o presidente da República Francesa³ foi aqui objeto de algum debate.

Uns acharam que, para republicano, o ato foi vilania; outros que, para francês, foi galantaria. Uma princesa! Uma senhora! E daí uma conversação longa em que se disseram coisas agressivas e defensivas. Eu, pouco dado a rusgas, limitei-me a pensar comigo que a galantaria não deve ficar sendo um costume somente das cortes. A democracia pode muito bem acomodar-se com a graça; nem consta que Lafayette,⁴ marquês do antigo regímen, tivesse deitado a cortesia ao mar quando foi colaborar com Washington.

Olha, tzarina, houve tempo em que nessa mesma França, cujo chefe te beijou agora a mão, se fazia grande cabedal de tratar por tu uns aos outros, para continuar

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 285, p. 1, 11 out. 1896), SEMMA (p. 369-374) e SEM1953 (v. 3, p. 297-303). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Não localizamos a fonte da citação.

² O gesto pareceu a muitos materializar um problema ideológico – a república curvando-se à monarquia. O czar Nicolau II (1868-1918) e a czarina Alexandra Feodorovna (1872-1918) fizeram uma visita a Paris. O então presidente da França – Félix Faure (1841-1899), que ocupou o cargo entre 1895 e 1899 –, ao receber o casal imperial, na cidade portuária de Cherburgo (Normandia), beijou a mão da czarina. Os jornais cariocas noticiaram o acontecimento. Ver *O Paiz*, ano XIII, n. 4434, p. 2, col. 5-6, 22 nov. 1896.

³ Francesa] Francesa, – em SEM1953.

⁴ Marie Joseph Paul Yves Roch Gilbert du Motier, marquês de La Fayette (1757-1834), conhecido nos Estados Unidos pelo epíteto “o herói dos dois mundos”, foi um aristocrata e militar francês que lutou pelo lado revolucionário na Guerra da Independência dos Estados Unidos e foi, também, figura importante na Revolução Francesa. Durante a Revolução Americana, Lafayette serviu como major-general no exército comandado por George Washington.

Robespierre⁵ e os seus terríveis companheiros. Então um poeta falou em verso, como é uso deles, e concluiu por este, que faz casar a política e as maneiras: *Appelons-nous MONSIEUR et soyons CITOYEN*.⁶ Nós, para não ir mais longe, fizemos a república, sem deportar a excelência das câmaras. Era costume antigo, não do regímen deposto, mas da sociedade. A excelência veio da mãe-pátria, onde parece que se generalizou ainda mais, não se tratando lá ninguém por outra maneira. Aqui, quando ainda não há familiaridade bastante para o *tu* e o *você*, e já a excelência é demasiado cerimoniosa, ficamos no *senhor*, que é um modo indireto; em Portugal, nos casos apertados, empregam o *amigo*, que é ainda mais indireto. Tudo para fugir ao *vós* dos nossos maiores, e que entre nós,⁷ é a fórmula oficial da correspondência escrita. Em verdade, se o regimento das nossas câmaras tivesse obrigado o tratamento de *vós* na tribuna, como na correspondência oficial, antes de infringirmos o regimento, teríamos infringido a gramática. É duro de meter na oração a flexão *vós* do pronome. Tenho visto casos em que a pessoa, para desfazer-se logo dela, começa por ela: Vos declaro, Vos comunico, Vos peço. Nem é por outra razão, tzarina, que eu te trato por tu, como se faz em poesia.

Voltando ao beijo, admito que há coisas que só podem ser bem entendidas no próprio lugar. Julgadas de longe levam muita vez ao erro. Tu, por exemplo, se leses a moção da câmara municipal do Rio Claro, S. Paulo, protestando contra o presidente do Estado, que não a recebeu quando ele ali foi ver a mãe enferma, pode ser que a entendesses mal.⁸ A moção aceitou o ato como uma injúria ostensiva e direta ao município, ao povo, a todo o partido republicano, e mandou publicar o protesto e comunicá-lo por cópia a todas as câmaras municipais do Estado, ao presidente da República, aos presidentes dos congressos federal e estadual e ao diretório central do partido.

Aparentemente é uma tempestade num copo d'água; mas a moção alega que há da parte do presidente contra o município sentimento de hostilidade já muitas vezes manifestado. Assim sendo, explica-se a recusa do presidente em recebê-la, mas não se explica o ato da câmara em visitá-lo. Não se devem fazer visitas a desafetos; o menos que

⁵ Maximilien de Robespierre (1758-1794), figura destacada da Revolução Francesa e líder dos *sans-culottes* – “os terríveis companheiros”, como diz o cronista. A Revolução Francesa desencadeou reivindicações igualitárias: uma delas dizia respeito à abolição da hierarquia social entre cidadãos representada no uso distintivo do “tu” (*tutoiement*) e do “vós” (*vouvoiement*).

⁶ “Chamemo-nos de ‘Senhor’, e sejamos ‘cidadão’.” [Trad. nossa] Verso atribuído ao poeta François Guillaume Jean Stanislas Andrieux (1759-1833).

⁷ nós,] nós – em SEM1953.

⁸ No *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 280, p. 4, col. 6, 6 out. 1896), lê-se: “A Câmara Municipal, informada pelo seu Presidente da ocorrência relativa à visita oficial feita ao Dr. Campos Sales, que não recebeu a comissão da Câmara e mandou despedi-la da porta da rua, na casa em que se achava, afirma em sessão extraordinária a sua indignação contra o procedimento do Presidente do Estado, que não é senão um empregado público, embora o mais elevado, em hierarquia, procedimento que constitui injúria ostensiva e direta ao Município e ao povo do Rio Claro, como também a todo o partido republicano, que conta trinta anos de serviços à República.”

acontece é não achá-los em casa. Quando, porém⁹ a câmara, esquecendo ressentimentos legítimos, quisesse levar o ramo de oliveira ao chefe do Estado, em benefício comum, se este não aceitasse as pazes, o melhor seria calar e sair. A divulgação do caso à cidade e ao mundo e a ameaça de pronta repulsa faz rezear um estado de guerra, quando todos os munícipes¹⁰ desejam concórdia e sossego. Há já tantas questões graves, sem contar a econômica e a financeira, que a questão Rio Claro bem podia não ter nascido, ou ficar no “tapete da discussão”,¹¹ como se usa no parlamento.

Disse que entenderias mal a moção; emendo-me, não entenderias absolutamente, pois nunca jamais uma câmara municipal russa falaria daquele modo. A câmara do Rio Claro, se fosse moscovita, ou voltaria a visitar o czar, quando ele estivesse em casa, ou far-se-ia niilista. Donde podes concluir a vantagem das moções, e a razão do uso imoderado que fazemos delas: é uma válvula. Enquanto a gente propõe moções não trama conspirações, e estas duas palavras que rimam no papel não rimam na política.

O que é curioso é que nós, que não fazemos política, estejamos ocupados, eu em falar dela, tu em ouvi-la. O melhor é acabar e dizer-te adeus. Adeus, tzarina; se cá vieres um dia de visita, pode ser que não aches as ruas limpas, mas os corações estarão limpíssimos. O presidente da República, se não for algum dos que censuraram agora o Sr. Faure, beijar-te-á a mão, sem perder o aprumo da liberdade. A Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico oferecer-te-á um bonde especial para percorreres as suas linhas, com as tuas¹² damas e escudeiros. Esta companhia completou anteontem vinte e oito anos de existência. Ainda me recordo da experiência dos carros na véspera da inauguração, e da festa do dia da inauguração. Ninguém vira nunca semelhantes veículos. Toda gente correu a eles, e a linha, aberta até o largo do Machado, continuou apressadamente aos seus limites. Nos primeiros dias os carros eram fechados; apareceram abertos para os fumantes, mas dentro de pouco estavam estes sós em campo; as senhoras preferiam ir entre dois charutos, a ir cara a cara com pessoas que não fumassem. Outras companhias vieram servir a outros bairros. Ônibus e diligências foram aposentados nas cocheiras e vendidos para o fogo. Que mudança em vinte e oito anos!

Uma coisa não entenderás, ainda que a transfiram à língua de Gógol:¹³ são os dois avisos postos pela companhia do Jardim Botânico em um ou mais dos seus carros. Também eu não os entendi logo; mas, por obtuso que um homem seja, desde que teime, decifra as mais escuras charadas deste mundo. Por que não sucederá o mesmo a uma senhora? Manda traduzir já e vê.

⁹ porém] porém, – em SEM1953.

¹⁰ munícipes] municípios – em SEM1953.

¹¹ “Vir ao tapete da discussão. Propor o exame.” (NASCENTES, 1966, p. 284)

¹² tuas] uas – em GN.

¹³ Gógol:] Gogol, – em SEMMA e em SEM1953.

O primeiro aviso é este: *A assinatura evita o engano nos trocos*. Compreende-se logo que a assinatura é a dos bilhetes de passagem. Quer dizer que, comprando-se uma coleção de bilhetes, em vez de pagar com dinheiro cada vez que se entra no carro, não se perde nada nos trocos que dão os condutores; logo, os condutores enganam-se; logo, há um meio melhor que reprimir os condutores ou despedi-los, como se faz nas casas comerciais e nos bancos, é vender coleções de bilhetes impressos. Nem se tira o pão a distraídos, nem se alivia o triste passageiro de uma parte do bilhete de dez ou mais tostões.

O segundo aviso é uma pequena alteração do primeiro, e diz assim: *A assinatura evita o esquecimento nos trocos*. Se aqui vem *esquecimento* em vez de *engano*, é que o passageiro em muitos casos perde o dinheiro, não já em parte, mas totalmente, por aquela outra causa mais grave. Não só o esquecimento é provável, mas até pode ser certo e constante, se o condutor padecer de moléstia que oblitere a memória, e não há meio de evitar que este fique com o resto do dinheiro senão oferecendo a companhia os seus bilhetes de assinatura. Outrossim, o passageiro passa a ser o melhor fiscal da companhia, e o seu ordenado é o que deixa de ficar, por engano ou esquecimento¹⁴ na algibeira do condutor. Tais me parecem ser os dois avisos; mas, se me disserem que eles contêm uma profecia relativa aos destinos da Turquia, não recuso a explicação.¹⁵ Tudo é possível em matéria de epigrafia. Adeus, tzarina!



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 285, p. 1, 11 out. 1896. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15069>.

¹⁴ esquecimento] esquecimento, – em SEM1953.

¹⁵ Na época em que esta crônica foi escrita (década de 1890), o império Otomano continuava a ser espoliado por diversas nações – que lhe disputavam o território. Esses conflitos ficaram conhecidos como Campanha do Cáucaso.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

FARIA, João Roberto. Machado de Assis, leitor e crítico de teatro. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 299-333, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.